



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Kemilly Silva Costa

As vestimentas e indumentárias de Maria Antonieta na França do século XVIII: um
olhar para a história da moda

Araguaína/TO

2023

Kemilly Silva Costa

As vestimentas e indumentárias de Maria Antonieta na França do século XVIII: um
olhar para a história da moda

Artigo apresentado à universidade Federal do Norte do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Araguaína. Para obtenção de Título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Groh de Mello Cesar.

Araguaína/TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586 Silva Costa, Kemilly.

AS VESTIMENTAS E INDUMENTÁRIAS DE MARIA ANTONIETA NA FRANÇA DO SÉCULO XVIII: UM OLHAR

PARA A HISTÓRIA DA MODA / Kemilly Silva Costa. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2023.

24 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em História) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2023.

Orientador: Thiago Groh de Mello Cesar.

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Kemilly Silva Costa

As vestimentas e indumentárias de Maria Antonieta na França do século XVIII: um
olhar para a história da moda

Artigo apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Universitário de Araguaína, Curso de História, foi avaliado para obtenção de título de licenciado em História e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela banca examinadora.

Data da aprovação: 07/12/2023

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente
THIAGO GROH DE MELLO CESAR
Data: 24/06/2024 10:47:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago Groh de Mello Cesar, Orientador, UFNT



Documento assinado digitalmente
MARINA GRIGORIO BARBOSA DE SOUSA
Data: 24/06/2024 14:19:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marina Grigorio Barbosa de Sousa, Examinadora,
UFNT



Documento assinado digitalmente
LUCIANO GALDINO DA SILVA
Data: 24/06/2024 11:01:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luciano Galdino da Silva, Examinador, UFNT

“Este trabalho dedico a quem, abaixo de sol, dirigiu um táxi dia após dia para que eu, na sombra, pudesse dirigir a minha vida no caminho dos meus sonhos”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus.

Obrigada aos meus pais/irmã, por todo amor e apoio incondicional, cada conquista minha eu dedico e agradeço a vocês, obrigada por me apoiarem ao longo de toda a minha trajetória.

Agradeço ao meu orientador, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento. E a todos os meus professores do curso de História licenciatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins pela excelência na qualidade técnica.

RESUMO

O presente trabalho analisa as mudanças sociais na área da indumentária e da história, bem como a influência de Maria Antonieta no século XVIII, e como favoreceram para o sistema da moda, em que o significado do vestuário envolve – se com a arte, a cultura, o corpo e a própria identidade. Vista disso, que a moda é uma exterioridade fundamental que acaba determinando como uma sociedade deve se comportar diante das roupas, trazendo ações das novas identidades e dos aspectos do estilo de vida. Apresento como suporte teórico o historiador “Norbert Elias”, que vai fazer uma abordagem social de uma sociedade de corte, na qual vai mostrar uma nobreza formada por etiqueta. O assunto moda não geram um interesse para os historiadores, acontece que este cenário vem mudando ao passar do tempo e pesquisas sobre o tema vem crescendo bastante no campo da história. Este artigo tem a finalidade de refletir sobre a moda no tempo histórico e pensar como ocorreu essas mudanças ao passar do tempo com debates e divergências. Fazendo o uso da obra cinematográfica “Maria Antonieta (Direção: Sofia Coppola, 2006)”, enquanto fonte documental.

Palavras-chave: Indumentária. Maria Antonieta. História da moda. Identidade.

ABSTRACT

This paper analyzes social changes in the area of clothing and history, as well as the influence of Marie Antoinette in the 18th century, and how they favored the fashion system, in which the meaning of clothing is involved with art, culture, the body and identity itself. In view of this, fashion is a fundamental externality that ends up determining how a society should behave in relation to clothing, bringing about actions of new identities and aspects of lifestyle. I present as theoretical support the historian "Norbert Elias", who will make a social approach of a court society, in which he will show a nobility formed by etiquette. The subject of fashion does not generate much interest for historians, but it turns out that this scenario has been changing over time and research on the subject has been growing considerably in the field of history. This article aims to reflect on fashion in historical time and to think about how these changes occurred over time with debates and disagreements. Using the film "Marie Antoinette (Directed by: Sofia Coppola, 2006)" as a documentary source.

Keywords: *Clothing. Marie Antoinette. History of fashion. Identity.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1 - Estampa comemorativa do casamento com o Delfim, em 1774, exibindo Maria Antonieta com o traje de corte completo, incluindo o grand corps 10
- Ilustração 2 - Capa e paratexto da primeira edição da Cabinet des Modes 14

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MODA E A INDUMENTA COMO OBJETOS DE ESTUDO NA HISTÓRIA.....	11
3 IDENTIDADE E MODA.....	16
4 CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	21
ANEXOS.....	23

1 INTRODUÇÃO

As vestes foram vistas como um grande fenômeno na elite e percebemos que são referências que foram utilizadas para uma demonstração da evolução na moda como linguagem. No filme *Marie Antoinette* (2006), dirigido por Sofia Coppola, conta-se a história de uma garota austríaca, de 14 anos, que vai para o palácio de Versalhes, na França, para virar esposa de Luís XVI. O filme vai narrar a vida de Maria Antonieta, diante da chegada na corte francesa até a sua morte sendo guilhotinada.

A futura rainha da França precisava vestir-se de forma adequada a sua nova situação social, na qual ela não se encaixava diante das regras e tradições da corte. Esta envolta por festas, sapatos e vestidos extravagantes com armarções e tecidos pesados, os quais eram produzidos com tecidos – como seda e musselina, que eram importados –, e usados pela nobreza. Assim, tanto a rainha quanto as mulheres da corte buscavam uma silhueta digna e elegante em proporção à sua alta classe.

No entanto, debaixo de um vestido do século XVIII, tinha-se a primeira camada do traje feminino: a *chemise*. Esta era produzida de linho ou tecidos de qualidade, com bordados e rendas, tornando a peça luxuosa e era a única peça que tinha contato com a pele e uns dos poucos trajes que eram lavados constantemente. Já o *corset*, conhecido também como “espartilho” era feito de barbatana de baleia, que no século XVIII foi uma peça fundamental para a mulher, dando forma à cintura e ressaltando os seios e nádegas, o que se tornou um símbolo icônico da história das vestimentas.

O *pannier* era usado para dar suportes aos drapeados pesados dos vestidos da corte, usados em palácios nos quais estivessem os reis, podendo ser longo ou curto, tendo vários formatos e tamanhos. Entretanto, no ano de 1780, os famosos *panniers* tiveram sua presença diminuída, tendo seu uso voltado para as ocasiões oficiais das cortes. Em seguida, começaram a ser utilizados enchimentos no bumbum e quadris, chamados de *culs* em francês e *bums* em inglês, sendo feitos sob medida para cada corpo.

E por último têm-se os “bolsos práticos”, os quais eram feitos de restos de tecidos podendo ser bordados ou não. Eles ficavam escondidos por baixo das saias das mulheres, tendo aberturas nos vestidos para elas poderem ter acesso. Entende-se que no filme há uma grande atuação das vestimentas e por isso busca-se pesquisar sobre Maria Antonieta e sua influência no vestuário.

A relevância deste trabalho se dá devido à importância que a indumentária, do século XVIII, trouxe para a sociedade. Vista disso que a influência de Maria Antonieta trouxe uma maior visibilidade à história da moda, uma vez que é possível se ter uma visão do valor que o vestuário assumiu no decorrer dos séculos e dos papéis representados pela moda na cultura em cada momento histórico.

Pretendo delinear uma ligação entre moda e identidade, a fim de retratar a subjetividade dos estilos composto no século XVIII, por várias técnicas da indumentária e do design aplicado a prática no cenário, dentro do campo da história e relacionando a influência de Maria Antonieta por meio da sua identidade social que serão necessárias para uma ocupação de classificação.

Desse modo, é percebido que a história da moda e a identidade são um impasse para o corpo social em que o indivíduo ou grupo vai se perceber como membro social. Fazendo com que o cenário da cultura possa ter as práticas sociais como uma marca estabelecida da sua existência, visto que a representação traça diálogos com o estreitamento da história, moda e identidade.

2 MODA E A INDUMENTA COMO OBJETOS DE ESTUDO NA HISTÓRIA

O autor Felipe Goebel (2018) no artigo, “Maria Antonieta e sua corte: o regime de distinção indumentário e o alvorecer do sistema da moda (1770 – 1793)” pesquisa as transformações sociais no campo da indumentária nas três décadas finais do século XVIII e de que forma elas vem contribuindo para o sistema da moda.

As práticas indumentárias são vistas como um fenômeno da elite, podendo perceber que no período pré-revolucionário a preocupação da população francesa era irrelevante para o processo histórico já que as funções dadas aos historiadores eram muitos complexas, conforme o autor:

Apesar dos historiadores do século XIX e início do século XX representarem o século XVIII como uma continua parada de opulência e extravagância, interrompida de maneira brusca pelo eclodir da revolução, o sistema indumentário vigente no reinado de Luís XVI e Maria Antonieta foi diferente de maneira dramática daqueles que funcionaram antes dele e também dos que o sucederam (Goebel, 2018, p. 27).

Consequentemente, pode-se perceber que na história das indumentárias do século XVIII ocorreu uma construção de ideias e uma tentativa de abraçar a cultura

do iluminismo, com os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, tendo várias inspirações em roupas práticas, esportivas e rurais.

Na corte de Luís XVI e Maria Antonieta (1774-1792), os trajes eram extravagantes, trazendo todo aquele excesso de padrão de beleza. Com esse reflexo do excesso da vida aristocrática, que culminou com a Revolução Francesa em 1789, o sistema indumentário estava bastante encaminhado, sendo assim a moda implicasse com a imagem e política de uma rainha exótica, construindo sua identidade e a importância que sua imagem foi construída por meio do vestuário. De acordo com Carlos Goldoni:

A moda sempre foi o modif dos franceses, e eles são os que dão o tom para toda a Europa, seja em espetáculos, seja em decoração em vestes, em adornos, em joias, em toucados, em todos os tipos de amenidades; são os franceses que procuram imitar (Goldoni, 1822, p. 345).

A França no século XVIII era um país culturalmente fluente com às cortes europeias e se dava de forma exemplar no que se refere à indústria do luxo, na qual abrange naturalmente o campo da moda, compreendendo a influência francesa nas vestimentas (Givhan, 2017). O desenvolvimento de novos padrões e tecidos, os novos métodos, todos eram causados por consequência de uma luta. De modo geral, a história do vestuário é abordada de dois pontos de partida, o da função da roupa e o das mudanças de sensibilidade que permitem certas tendências na cultura.

É justamente a posição ocupada por Maria Antonieta na sociedade, que é rigorosamente hierarquizada do século XVIII, tornando-se incomum sua ostensiva presença nas polêmicas que envolvia a representação da realeza. Por meio das indumentárias, trajes formais incluindo da rainha, já eram bastante circulados através da revista de *Le Mercure Galant* 1678.

A obra de Caroline Weber, “Rainha da Moda”, publicado em 2008, serve como ponto de partida para entender que a capacidade de Maria Antonieta de impor o estilo de sua época e de se envolver indiretamente nos debates relacionados ao comportamento feminino. Para o rei Luís XVI, a moda serviu de instrumento para a promoção de suas pretensões absolutistas, com Maria Antonieta teve um efeito oposto. Para Caroline Weber:

O paradoxo resultante da carreira de Maria Antonieta como figura pública foi que, apesar de sua apreensão intuitiva do potencial do vestuário para expressar status e força, ela muitas vezes avaliou mal as reações que sua toailete despertaria nos seus súditos. O fato de que se apresentava para uma

dupla audiência – aristocratas e plebeus – significava quase necessariamente que não podia agradar todos ao mesmo tempo. Na maior parte das vezes, porém, sua rebelião na indumentária gerava ou exacerbava queixas em ambos os contingentes, a tal ponto que a nobreza e o populacho, imensamente separados em tantas questões políticas, chegaram a um explosivo consenso em seu ódio a Maria Antonieta (Weber, 2008, p. 12).

A análise que Caroline Weber faz do vestuário de Maria Antonieta, com efeito, a extravagância no vestuário não marcou toda a trajetória de Maria Antonieta. A autora mostra como a maternidade mudou os gostos da rainha que, depois dos 30 anos, passou a usar roupas mais simples, conforme podemos observar nos seus retratos.

Interessante também são as escolhas de roupas da rainha durante o período da Revolução Francesa e a influência indireta que ela exerceu nos vestidos de musseline branca, que antes foram criticados nela como indignos de uma rainha da França e depois adotados por muitas mulheres.

As roupas são, portanto, um bom meio de perceber o processo por meio do qual se forjam as personalidades socioculturais, entre as práticas que constituem os principais tipos de existência social e os da economia ordinária. Elas definem o campo do cotidiano na interação do consumo e da necessidade (Roche, 2007, p. 42).

No que se refere à Maria Antonieta, sua corte pessoal e sua capacidade de operar mudanças nesses hábitos. Com isso, o principal estudo sobre as sucessivas tentativas da última rainha da França de definir sua própria imagem e da dinastia que representava os hábitos.

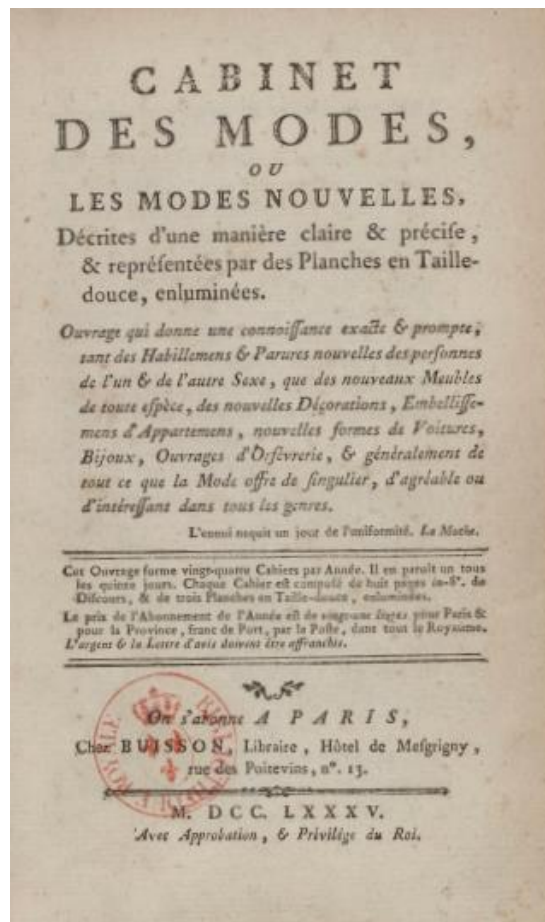
Na obra de Daniel Roche “A Cultura das Aparências” (2007) traz a essencialidade dos trajes por meio da percepção dos detalhes das sutilezas da sociabilidade francesa. No decorrer da obra, a indumentária é analisada como um importante instrumento de acesso ao espaço social e comportamental, alcançando os meandros dos costumes burgueses, nobres e trabalhadores.

Nas cidades muitos trabalhavam para atender às mudanças do consumo e às corporações parisienses, correspondendo às demandas urbanas e também a um próspero comércio exterior. O comércio de tecido estava em toda parte e era preciso produzir rapidamente em grande escala, pois a procura pelos tecidos aumentava rapidamente, não esquecendo da qualidade requerida pela indústria. “(...) O estilo de vida senhorial exigido pela proximidade com o rei, a existência suntuosa de uma sociedade exibicionista, o fausto das equipagens a desfilarem a todo instante (...)”. (Roche, 2007, p. 63).

O aumento do consumo coincidiu com o desenvolvimento da civilidade, quando a aparência passou a ser fundamental para a apresentação de um status pessoal, há uma aparência por intermédio do vestir, contando com uma cópia do que era usado na corte e a etiqueta que ditava as regras de como a sociedade deveria se relacionar e se apresentar, como afirma “A Cabinet des Modes” em 1786

A moda, que seus detratores chamam de ligeira, inconstante, volúvel, frívola, é, no entanto, fixa em seus princípios; e acreditamos, em verdade, que há injustiça em trata-la, sem retorno, com tanta dureza. Vemos que (ela é) constante em apreender todos os eventos notáveis, apropriando-se deles, para registrá-los nos anais, para eternizá-los na memória (A Cabinet des Modes, 1786, p. 01 *apud* Goebel, 2018, p. 44).

Ilustração 2 - Capa e paratexto da primeira edição da Cabinet des Modes



Fonte: Cabinet des Modes, (1785).

Deste modo, podemos perceber que a moda é um instrumento de representação dos mecanismos sociais da sociedade, constituindo-se em eficiente forma de hierarquização que distinguia os grupos através da informação das suas diferenças. Para o autor Nobert Elias, a sociedade de corte procurou denunciar uma

crise no sistema mostrando que a nobreza foi totalmente formada por etiqueta e vantagens de uma corte. Isso considerando que as pessoas procuravam por uma posição social de importância, já que o objetivo era manter uma posição de destaque dentro da corte. A propósito Elias (2001) declara:

Alguém que não pode mostrar-se de acordo com o seu nível perde o respeito da sociedade. Permanece atrás de seus concorrentes numa disputa incessante por status e prestígio, correndo o risco de ficar arruinado e ter de abandonar a esfera de convivência do grupo de pessoas de seu nível e status [...] (Elias, 2001, p. 86).

Por via da prática da etiqueta e das boas maneiras, o espírito daquele tempo estava na sedução, excesso e no rebuscamento que era encontrado em toda parte da corte. Pode-se afirmar que ninguém se esforçava para ser visto na sua realidade, a vaidade das aparências e o narcisismo da moda faziam do mundo um grande espetáculo. A sociedade europeia era baseada nas técnicas iluminista e na construção das aparências e das cerimônias, o estilo da corte era uma medida comum proporcionando a padronização.

A precisão com que se organiza cada cerimonial, cada gosto submetido à etiqueta, o zelo com que o valor de prestígio de cada passo é pensado e levado em conta, todas essas coisas correspondem ao grau de importância vital que a etiqueta e o comportamento possuem para os cortesãos (Elias, 2001, p. 118).

Ocorre que, no século XVIII, a etiqueta vai ter condutas, maneiras, linguagens e gostos fundamentais aceitas em diversas ocasiões, tratando momentos cerimoniais ou até mesmo na convivência comum de uma sociedade, na qual seu ápice estava na França, passando a ser referências de status social que eram concedidas à nobreza e a corte: “[...] o caráter dos atos de etiqueta como fetiches de prestígio” (Elias, 2001, p. 103) começa a se desfazer em inúmeros sentidos.

O contexto da moda nesse contexto permite que a forma de comportamentos e as vestimentas façam parte de inovações e técnicas de bens e consumo relacionados à indumentária, fazendo com que a elite e a alta burguesia tenham um consumo maior. Pode-se concluir que, a partir dos estudos que deram embasamento a este projeto, a moda é uma forma de expressão e identidade, em que os trajes estão sempre submetidos aos preceitos da indumentária, tornando a moda em uma obra de arte em suas várias funções na sociedade.

3 IDENTIDADE E MODA

É possível termos uma visão da importância que o vestuário assumiu ao longo dos séculos e dos papéis representados pela moda na cultura e no valor predominante em cada momento da história. Muitas vezes a palavra “moda” se remete à ideia de roupas, mas não está limitada apenas aos tecidos, inclui: bolsas, sapatos e joias, tudo que está determinado à indumentária e ao desenvolvimento do vestuário e no que se refere à moda, estilo e design, tornando-se reflexos diretos dos comportamentos e desejos que os grupos compõem na sociedade. Com isso, Maria Antonieta é um grande destaque durante um período em que não influenciou somente a política da época, mas também teve um enorme destaque no campo da história e moda.

As perspectivas de gênero, raça e cultura possuíam uma posição local dos indivíduos sociais, trazendo transformações estruturais no século XX de uma sociedade moderna. Essas mudanças circundam também as identidades pessoais do sujeito, trazendo percepção do “sentido de si”, construindo um espaço no mundo social e cultural de si mesmo, estabelecendo uma “crise de identidade” para o indivíduo. Como observa o crítico Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Mercer, 1990, p. 43 *apud* Hall, 2006, p. 09).

Para Stuart Hall (2006), há três concepções de identidade, o sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Sendo assim, o primeiro relaciona-se com a ideia de que o sujeito cuja identidade mostre com capacidade do “eu”. Sobre o sujeito sociológico, Hall afirma que é construído devido uma ligação com a sociedade, expondo uma opinião menos individualista. O indivíduo nunca deixa de ter um “eu” na sua natureza de si, mas pode ser construído através de uma relação com a sociedade mediante entre o interior e o exterior, desenvolvendo uma importante exposição da realidade do sujeito sociológico.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

A identidade é a natureza da pessoa, é uma forma de construção da integridade do ser humano e sua competência social, como afetiva e cognitiva, agindo no meio social informe sua moral, caráter, princípios e valores. Desse modo, faz com que sirva para distinguir um indivíduo do outro, representando práticas de acordo com seus gosto e cultura. Acontece que, essa formação normalmente começa a indagar as regras e os valores de uma sociedade, fazendo com que tudo isso torne comportamentos e posturas exigidos de um grupo social.

A última concepção abordada por Hall é o sujeito pós-moderno, que foi trazido pela chegada do modernismo e pelas ideias de Karl Marx, para tratar de algumas ligações como, a força de exploração de trabalho e os modos de produção possibilitando um ponto de vista de um sujeito mais centrado. Em vista de que a identidade dos sujeitos é formada por meio de outras identidades, algumas podendo ser parecidas e outras diversas, fazendo com que não seja nada fixo em uma sociedade. Para isso o autor Stuart Hall afirma que:

Deve-se ter em mente que as três concepções de sujeito acima são, em alguma medida, simplificações. No desenvolvimento do argumento, elas se tornarão mais complexas e qualificadas. Não obstante, elas se prestam como pontos de apoio para desenvolver o argumento central desde livro (Hall, 2006, p. 13).

Desta forma, esta pesquisa procura discutir de maneira significativa a formação de identidade dentro do hábito da moda, para isso, trataremos essa concepção ao longo dos momentos do século XVIII. Esse processo de globalização da moda e da identidade traz um processo de transformação no século XVIII, fundamentando um canal de transmissão de ideias e trazendo inúmeras perspectivas de uma vida social. Fazendo com que a moda faça o sujeito a criar um estilo de vida, para uma compreensão de uma nova realidade.

No entanto, a moda, o sujeito social e a identidade acabam caminhando juntos no vestuário, trazendo uma questão bastante importante, como o dandismo e o antimoda, em conjunto com as aparências do vestuário e suas tendências. O termo dandismo só se firmou no sec. XVIII e é caracterizado por um estilo mais autêntico e individual que faz uma junção de mudanças da moda, trazendo uma contraposição das roupas usadas em um período do sistema indumentário, que foi influenciado a uma moda masculina. Já a moda feminina ganhou destaques nos trajes. A

indumentária era ditada pela Inglaterra e trouxe grandes impactos para o vestuário masculino e feminino ganhando cada vez mais espaço no mundo da moda.

O autor Daniel Roche (2007) retrata a indumentária a partir da obra “A cultura das aparências”, um estudo sobre estilo, gosto, moda e etiqueta na corte francesa do antigo regime. O teórico afirma que:

Para uma história da cultura indumentária da Idade Moderna, precisamos traçar a evolução das cores, dos contatos e do status dos tecidos. Como as aparências foram remodeladas será revelado por uma topologia corporal, por mudanças no que podia e não podia ser visto, por redefinições de modéstia e imodéstia e pelas lições de higiene que desafiaram os valores do asseio e do desasseio. As vestimentas modelam o corpo, e o corpo brinca de vestimenta; são meios de socialização, que têm seu rito de passagem. Entre a estabilidade e a mobilidade, as roupas descobrem a moda, que surge no campo das contradições sociais, quando existe uma possibilidade de desejar o que outros desejam (Roche, 2007, p. 47).

Contudo, a moda tem crescido gradativamente na comunicação das roupas que trazem desde sua modelagem, tecido, cor, aviamentos e referências como estilos sociais e eventos de determinadas épocas. As tendências mudam constantemente e forma um tipo de identidade para cada pessoa, fazendo com que cada tendência do ano iguale o modo da sociedade se vestir, trazendo uma individualização de preferências.

A autora Guilda Souza (2019) diz que essa busca pela tendência gere com que a moda, torne um processo acelerado fazendo com que o mercado traga o movimento antimoda, para a prática de diversas culturas:

A moda não é um fenômeno universal, mas próprio de certas sociedades e de certas épocas. De maneira geral, podemos dizer que os povos primitivos a desconhecem talvez a grande significação religiosa e social atribuída à roupa e aos enfeites represente um empecilho às manifestações de mudança (Souza, 2019, p. 20).

No entanto, a antimoda é uma conduta contrária à moda dominante, sendo que é preciso identificá-la e deixar que essa oposição desigual seja capaz de ser aplicada. O antimoda na indumentária é levada a regras específicas, como culturas e religiões, fazendo com que as roupas sejam de tradições específicas e acabam não sofrendo tantas mudanças na indústria da moda. Sendo que dentro de várias décadas houve movimentos antimoda, que marcaram impressionantes momentos de uma sociedade como os *beatniks*, *hippies*, *punks* e os *grunges*, entre vários outros estilos que deram

a importância do movimento e que trouxeram influência para as tendências de hoje, bem como para o mercado da moda.

A relação de conhecimento da história e a moda é um fato muito comum, já que a moda pode ser intimamente atrelada à cultura. No livro “O espírito das roupas”, de Guilda de Mello e Souza, é possível julgar uma vestimenta sob um ângulo, sendo que pode levar em consideração a cor e o tecido, em vista que a autora afirma o seguinte:

A história do vestuário mostra que a roupa se tem construído em torno de três tipos de eixo; o reto, o ângulo e o curvo. Tais tipos possuem, no entanto, duas variantes, o eixo reto podendo ser vertical ou horizontal, o ângulo podendo ser obtuso ou agudo, curvo podendo ser circular elíptico. Estes seriam os eixos básicos, que tanto encontramos nas formas simples como nas compostas, isto é, combinados uns com os outros (Souza, 2019, p. 42).

No entanto, podemos perceber que a história do vestuário e da indumentária é um esboço de croquis onde são construídos e dão origem à roupa como obra de arte. Para Guilda de Mello, as vestes poderiam ser usadas através de um compromisso do exibicionismo, fazendo com que grandes marcas de luxo façam campanhas e manifestem o vestuário entre grandes criações:

Mas hoje como ontem, fechado em seu estúdio, o costureiro, ao criar um modelo, resolve problemas de equilíbrio de volumes, de linhas, de cores, de ritmos. Como o escultor ou pintor ele procura, portanto, uma Forma que é a medida do espaço e que, segundo Focillon, é o único elemento que devemos considerar na obra de arte [...] Como qualquer artista o criador de modas inscreve-se dentro do mundo das Formas. E, portanto, dentro da Arte (Souza, 2019, p. 33).

Pode-se perceber que a autora aborda certos esforços em afirmar que a moda é uma arte e pode influenciar nas transformações sociais que ocorreram na Europa após a Revolução Francesa, período no qual houve um grande aumento no crescimento da burguesia, trazendo grandes nomes para o mundo da moda.

A influência de grandes marcas e também de Maria Antonieta no mundo da moda no século XVIII deixaram a sociedade feminina um pouco mais preocupada com suas vestes e aparências, tendo em vista que muitas costureiras e lojas tiveram grandes demandas da procura de tecido e linhas para a produção. A autora guilda de Mello explicita que o estilo “combinando a graça com a eficiência, encontre para si um novo equilíbrio, tão harmonioso como o estilo de vida da mulher do século XIX” (Souza, 2019, p. 107).

Considerando o exposto, percebe-se que a moda compreende questões de mudanças para um indivíduo nas práticas indumentárias, a forma como o sujeito expressa suas preferências no jeito de se vestir e como ele age com as roupas e a identidade em um grupo social.

A disponibilidade de estilos aumentou consideravelmente para atender às mudanças do vestuário no século XVIII e dos segmentos da sociedade, ocorrendo que, tornou-se complicado acompanhar as transformações de estilos, visto que a razão do governo de Luís XVI e a influência de Maria Antonieta ficaram reconhecidos como o início da dos comportamentos e desejos na história da moda.

Dessa forma, a moda encontra-se presente nas práticas de uma sociedade, constitui a importância do corpo e contribui para o indivíduo determinar suas relações sociais. Fazendo com que as vestimentas sejam analisadas por uma fonte de estudo, uma vez que por meio da indumentária o sujeito designa expressão da sua cultura e posição social.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo discutir a relação entre moda e identidade, trazendo Maria Antonieta como ícone de tendências lançadas no século XVIII. Contudo, o universo do vestuário busca trazer mudanças por meio das aparências e de como será construída a imagem de um indivíduo. A atuação da indumentária abrangerá um papel central dentro do campo da moda e da história, dando a entender como as vestes foram vistas na sociedade de corte, para enfatizar a relevância das vestimentas para o cenário da época.

Moda é um termo que afeta vários aspectos da criação e identificação das pessoas, é usado para categorizar grupos de pessoas ou indivíduos, estabelecer comportamentos e até mesmo para delimitar momentos históricos. Hoje em dia, a moda é um tema frequente no dia a dia das pessoas, apresentando diversas visões para diferentes camadas e grupos sociais. Possibilitando entender que a identidade é representada nas diversas perspectivas da vida social pela forma de como se cria estilos de vida, bem como a forma pela qual a moda é inserida nesse espaço.

Por último, o que se pode concluir deste trabalho é que a moda representa uma história da sociedade e está presente em várias esferas, conectada diretamente à ideia de identidade construída. Não necessariamente se é aquilo que se veste, pois a

essência é algo transitório e, por vezes, contraditório ou fragmentado. Veste-se aquilo que se é, levando em consideração que isso não é algo estático, assim como a moda e suas tendências.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. **Arquivo:** Retrato de Maria Antonieta - Patas.jpg. Wikimedia Commons, 2012. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Portrait_of_Marie_Antoinette_-_Patas.jpg. Acesso em: 20 ago. 2023.

Cabinet des Modes (1785-1786). Revista de Moda Francesa [online]. *Apud:* GOEBEL, Felipe. Maria Antonieta e sua corte: O regime de distinção indumentária e o alvorecer do sistema da moda (1770 – 1793). **Revista Veredas da História**. Rio de Janeiro, v.11, n.2, 2018. p. 26-58. ISSN: 1982-4238. Disponível: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47877>. Acesso em: 20 ago. 2023. Doi: 10.9771/rvh.v11i2.47877.

Cabinet des Modes (1785-1786). Revista de Moda Francesa [online]. 1º Caderno, 15 de novembro de 1785. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10400416>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de corte:** investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GIVHAN, Robin. **A batalha de Versalhes**. Tradução de Juliana Romeiro. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

GOEBEL, Felipe. Maria Antonieta e sua corte: O regime de distinção indumentária e o alvorecer do sistema da moda (1770 – 1793). **Revista Veredas da História**. Rio de Janeiro, v.11, n.2, 2018. p. 26-58. ISSN: 1982-4238. Disponível: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47877>. Acesso em: 20 ago. 2023. Doi: 10.9771/rvh.v11i2.47877.

GOLDONI, Carlo. **Mémoires pour servir à l'histoire de sa vie et à celle de son théâtre**. França - Paris: Baudouin Freres, Libraires, 1822.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Editora DP & A: São Paulo, 2006.

MARIA Antoinette. Direção: Sofia Cappola. Produção: Sofia Cappola; Ross Katz. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2006. 1 DVD (2h03 min.).

MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, Jonathan (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. *Apud:* HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Editora DP & A: São Paulo, 2006.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências:** uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Editora SENAC, 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas:** A Moda no Século XIX. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WEBER, Caroline. **Rainha da moda:** como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução. Tradução de Maria Luiza X. de À. Borges - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ANEXOS

Anexo 1 - Ata de defesa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS - CCI
CURSO DE HISTÓRIA

Av. Paraguai s/nº Setor Cimba | 77824-838 | Araguaína/TO
(63) 3416-5710 | www.uft.edu.br/histarag | histarag@uft.edu.br



ATA DE DEFESA DE TCC

Ao(s) 07 dia(s) do mês de dezembro de 2023, do período 2023/2, realizou-se a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), modalidade artigo científico, do(a) aluno(a) **Kemilly Silva Costa**, do Curso de Licenciatura em História, do Campus Universitário de Araguaína, intitulado “**As vestimentas e indumentárias de Maria Antonieta na França do século XVIII: um olhar para a história da moda**”, realizada sob a orientação do(a) Prof. Dr. Thiago Groh e tendo como banca avaliadora(o) Prof. Dr. Luciano Galdino da Silva e o(a) Profa. Dra. Marina Grigório Barbosa de Sousa.

Atribuíram a média final **9,5** pelo trabalho, tendo sido considerado(a) aprovado(a). Nada mais tendo a contar, assinam esta ata o(a) Professor(a) Orientador(a) e os demais componentes da banca.

Documento assinado digitalmente

gov.br THIAGO GROH DE MELLO CESAR
Data: 12/12/2023 07:32:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago Groh (Orientador)

Documento assinado digitalmente

gov.br LUCIANO GALDINO DA SILVA
Data: 10/12/2023 16:49:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luciano Galdino da Silva (Avaliador)

Documento assinado digitalmente

gov.br MARINA GRIGORIO BARBOSA DE SOUSA
Data: 10/12/2023 13:58:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marina Grigório Barbosa de Sousa (Avaliadora)